

O PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL DURANTE A PANDEMIA: A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR E CRIANÇA NO ENSINO REMOTO DA REDE PRIVADA

Beatriz Villar Bernardino¹

Celeste Machado Figueiredo²

Daniella Louise Vargas Matos³

Mayara I. Alves da Silva⁴

Mikaele Christine Lay⁵

Giullia Paula Rinaldi⁶

RESUMO

Este estudo tem por objetivo compreender como o processo de aprendizagem no contexto de Educação Infantil e as práticas pedagógicas realizadas durante o período de pandemia podem influenciar a vivência das crianças da faixa etária de 0 a 5 anos. Considerando que Henri Wallon (2007) orienta em sua teoria que o ponto de partida para o desenvolvimento cognitivo e pessoal das crianças é a afetividade, procurou-se analisar como se deu este processo durante a pandemia da Covid-19, com o ensino remoto. Espera-se que os resultados encontrados sejam satisfatórios para orientar e expandir os recursos didáticos existentes. Compreender também, se houve impacto da pandemia sobre o relacionamento entre professor e criança, colaborando assim, para capacitações e formação continuada aos docentes, atuantes na Educação Infantil, promovendo um ensino de qualidade e referência. Com os resultados da pesquisa, foi

¹ Aluna do 8º período do curso de Pedagogia da FAE Centro Universitário. *E-mail:* beatriz.bernardino@gmail.com

² Aluna do 8º período do curso de Pedagogia da FAE Centro Universitário. Gestora em Recursos Humanos pela FAE Centro Universitário. *E-mail:* celfigueiredo20@gmail.com

³ Aluna do 8º período do curso de Pedagogia da FAE Centro Universitário. *E-mail:* daniellalmatos@gmail.com

⁴ Aluna do 8º período do curso de Pedagogia da FAE Centro Universitário. *E-mail:* m.alveski@gmail.com

⁵ Aluna do 8º período do curso de Pedagogia da FAE Centro Universitário. *E-mail:* lay_mikaele@hotmail.com

⁶ Orientadora da Pesquisa. Mestra em Tecnologia em Saúde (PUCPR), Especialista em Psicopedagogia (UP). Professora da FAE Centro Universitário. *E-mail:* giullia.rinaldi@fae.edu

possível perceber que as professoras participantes do estudo conseguiram desenvolver afetividade com seus alunos, mesmo com as dificuldades de interação por meio do ensino remoto.

Palavras-chave: Afetividade. Educação Infantil. Aprendizagem. Pandemia.

INTRODUÇÃO

Como tem sido a aprendizagem dos alunos da Educação Infantil durante a Pandemia da Covid-19? Os processos de ensino e aprendizagem nas devidas circunstâncias têm sido objeto de estudo, por sua influência na formação dos aspectos físicos, cognitivos e emocionais da criança.

Henri Wallon (2007) orienta em sua teoria que o ponto de partida para o desenvolvimento das crianças é a afetividade. É nesta fase que os valores começam a ser consolidados e ao se relacionarem com os adultos, os vínculos começam a ser, de fato, efetivados.

A escola é o primeiro agente socializador da criança além da família, e por isso deve ser o seu suporte para a aprendizagem, assim oferecendo um ambiente seguro e protegido (KRUEGER, 2003). A afetividade está unida com a emoção, marcando a maneira como o ser humano vê o contexto à sua volta. A presença ou a ausência da afetividade pode marcar seu avanço cognitivo, pois determinadas situações de sua infância que de alguma maneira marcaram sua experiência, podem permanecer inconscientemente gravadas (CAETANO, 2013).

A escolha do tema do estudo deu-se por conta da necessidade de compreender e comparar as práticas pedagógicas realizadas durante o período da pandemia da Covid-19, extremamente atual, considerando um pensamento comum às autoras: a importância da afetividade ao desenvolvimento pessoal e cognitivo da criança no contexto da Educação Infantil. Como o ensino remoto influencia no vínculo, tão importante à aprendizagem, entre professora e aluno? Por experiências práticas na Educação Infantil, procurou-se por meio do estudo aplicado confirmar os devidos fatos.

Trata-se de uma pesquisa para encontrar possíveis respostas às dúvidas geradas: a afetividade entre o professor e o aluno da Educação Infantil influencia o processo de aprendizagem da criança em tempos de pandemia? Quais foram as metodologias utilizadas pelas docentes neste período? As professoras consideram a socialização essencial ao desenvolvimento da criança, dentro ou fora da escola?

O estudo apresenta dois objetivos específicos para serem alcançados: identificar como ocorre o impacto ou a interferência da afetividade de forma benéfica à aprendizagem dos estudantes da Educação Infantil e comparar por meio de pesquisas teóricas e análise das indicações das docentes, assinaladas em questionário, que averiguou a opinião das profissionais da educação com relação ao impacto do ensino remoto no relacionamento professor/criança da Educação Infantil.

O presente estudo apresenta uma breve fundamentação teórica sobre o tema principal, buscando resolver a problemática encontrada pelas autoras sobre a influência da afetividade docente no processo de aprendizagem da criança da Educação Infantil, em tempos de pandemia, estando sujeita ao ensino remoto. A metodologia de abordagem qualitativa, exploratória, com relação ao procedimento utilizou-se a pesquisa de campo por meio de formulários *on-line* para a análise posterior dos resultados encontrados.

1 REVISÃO DA LITERATURA

1.1 A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Segundo Silva (2015), a afetividade manifesta suas emoções através do conjunto de ações e reações. Quando as crianças se relacionam com adultos, mostram suas afetividades, ela pode ser positiva ou negativa. Se as emoções que a criança passa para o adulto forem negativas, provavelmente será representada pelo medo e pela raiva. Já se forem positivas, poderá ser através de sinais de alegria e amor. Isso tudo dependerá da relação que ela estabelecer com os mais velhos, seja em casa ou na escola. Ainda de acordo com o autor, junto com o respeito e admiração, vem a confiança. O afeto se baseia muito nisso, pois é neste momento que, por exemplo, o aluno irá sentir o prazer de estudar e estar na escola. E que ao contrário, a falta dela pode comprometer o conhecimento e o emocional das crianças. Por isso, pais e professores devem estar sempre atentos diante de sua relação com a criança, para cuidarem dela como um todo. Para Bonfim (2011, p. 9):

Se a educação não conseguir promover a construção do conhecimento por meio do afeto, do respeito às dificuldades e aos sentimentos do aluno, não será à base do autoritarismo e do castigo que formará cidadãos coerentes. Pois o afeto entre educador e educando é como uma semente lançada em terra fértil: germina numa rapidez surpreendente e produz frutos de qualidade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEN 9394/96, determina no artigo nº 29 que: “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até 5 (cinco) anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996).

Krueger (2003) explica que a relação da professora com o aluno e a turma no contexto da Educação Infantil é constante, seja na sala de aula, no pátio ou nas

demais dependências da escola, e é através dessa aproximação afetiva que se dá a relação com os objetos e a construção de um conhecimento. Sendo a escola o primeiro agente socializador da criança além da família, e por isso deve ser o seu suporte para a aprendizagem, assim oferecendo um ambiente seguro e protegido. Para Saltini (1997, p. 89), “essa interrelação é o fio condutor, o suporte afetivo do conhecimento”.

Gazaro (2018) defende que a afetividade está ligada diretamente com as escolhas e ações da criança no período da Educação Infantil, pois é por meio da afetividade que o cognitivo e intelectual se desenvolve, assim adicionando valores, interesses e motivações. A afetividade integra o processo da educação infantil, as indagações dessa criança poderão ser moldadas ou alteradas conforme o desenvolvimento e postura do educador que esteja presente nessa fase, podendo interferir diretamente na formação da criança.

Alencastro (2009, p. 8) relatou que o processo de aprendizagem necessita da afetividade e se faz presente nesse processo, principalmente nos anos iniciais da vida das crianças, a Educação Infantil. A afetividade facilita todo o processo de ensino além de colocar o professor como um mediador.

Almeida (2008, p. 353) ressalta alguns sentimentos e emoções que a família e a escola precisam evitar no convívio com a criança:

[...] evitar despertar nas crianças determinados sentimentos negativos, como hostilidade, desprezo, ciúme e inveja que em nada contribuem para o convívio em sociedade. [...] despertando a cooperação e não a rivalidade. [...] A família e a escola têm uma participação íntima, pois são um meio favorável à aprendizagem de sentimentos que marcam a vida da criança. Por isso, já nos primeiros anos escolares, o professor deve ser competente em preparar a criança para viver em coletividade.

Para Caetano (2013), a afetividade está unida com a emoção, marcando a maneira como o ser humano vê o contexto à sua volta. A presença ou a ausência da afetividade pode marcar seu avanço cognitivo, pois determinadas situações de sua infância que de alguma maneira marcaram sua experiência, podem permanecer inconscientemente gravadas. A autora aponta que o tempo em que a criança passa no ambiente escolar é de grande relevância, uma vez que ocorrem infinitas descobertas, constituindo vínculos emocionais que poderão levar para a vida. A educação é algo além do transmitir conteúdo. Vygotsky (2003, p. 121) salienta:

A emoção não é uma ferramenta menos importante que o pensamento. A preocupação do professor não deve se limitar ao fato de que seus alunos pensem profundamente e assimilem a geografia, mas também que a sintam. [...] as reações emocionais devem constituir o fundamento do processo educativo.

A função da escola, segundo Caetano (2013), é de amparar na metodologia de assimilação do conhecimento intelectual, porém da mesma forma de promover o desenvolvimento afetivo entre os alunos, uma vez que uma sociedade integrada por indivíduos privados de afeto, torna-se um terreno instável, favorável a arruinar. Sendo a Educação Infantil o preparo para as mudanças que irão acontecer futuramente em sua vida escolar.

1.2 EDUCAÇÃO INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM TEMPOS DE PANDEMIA E ISOLAMENTO SOCIAL

Em tempos de Pandemia, o ensino remoto surge como uma possibilidade de manter o isolamento social e dar continuidade às atividades pedagógicas por meio da internet. Com essa mudança inesperada, o professor tornou-se o mediador diante das novas possibilidades de ensino, que neste caso, são as tecnologias digitais, suas mídias e componentes. Ele também assumiu o papel de estimular seus alunos, fazer com que sejam participativos, tenham foco, questionem, sintam-se motivados e interessados a aprender (FERREIRA; SILVA, 2016).

Diante disso, as escolas atuaram de maneira a amenizar impactos negativos no processo de ensino. Compreender quais os benefícios no uso da tecnologia através da internet como ponto positivo na educação das crianças tornaram-se desafio para os professores e alunos.

Com o auxílio do professor, o uso das ferramentas digitais como vídeos, imagens, jogos, etc. estimulam as crianças a desenvolver com mais facilidade a aprendizagem e socialização com os colegas. De forma lúdica, faz com o que a criança desenvolva a sua imaginação e facilita assimilação do conteúdo.

[...] as relações de mediação feitas pelo professor, durante as atividades pedagógicas, devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhida, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro; tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto de conhecimento, como também afetam a sua autoimagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em suas capacidades e decisões. (LEITE; TASSONI, p. 20)

A abordagem realizada pelo professor no período do ensino remoto, teve como objetivo principal manter o vínculo da escola / aluno, bem como levar a criança a compreender a realidade e nela intervir.

Saltini (1997) nos mostra a importância do cuidado e interação por parte do professor e da criança. O educador que consegue manter a resiliência emocional e empatia com seus alunos em sala de aula, consegue lidar com situações mais adversas que possam surgir. Compreender a ansiedade, o medo, a insegurança e as dificuldades da criança, vai encorajá-la a lidar com seus próprios conflitos e raivas. A tranquilidade faz parte do contexto de sensações e percepções que garantem a elaboração de nossas raivas e conflitos. Ela conduz ao conhecimento do si-mesmo, tanto do educador quanto da criança.

Desse modo, o professor deve buscar identificar as dificuldades e assim definir estratégias de abordagens de acordo com as necessidades individuais do aluno, proporcionando condições de intervenção imediata e ao longo prazo para estimular novas aprendizagens e desenvolvimento.

É por meio da socialização e estímulo que a criança se desenvolve ampliando seu repertório de experiências e sensações. Para Vicentini et al. (2021), o processo de aprendizagem infantil possui melhor aproveitamento quando se trata da possibilidade de interagir, brincar (independente do espaço) e que estas fazem com que a criança se desenvolva para além do cotidiano, auxiliam no processo de formação da criança, o que por causa da pandemia da Covid-19 não foi possível.

Segundo Mahoney e Almeida (2005), o desenvolvimento da afetividade no processo de ensino e aprendizagem acontece quando são propiciados vínculos afetivos e interação social na relação entre a criança e o professor, proporcionando momentos que são relacionados à emoção, sentimento e paixão.

Sendo assim, a afetividade é uma aptidão de extrema importância que os professores de Educação Infantil precisam desenvolver junto com seus alunos. Essa habilidade para ser desenvolvida de maneira significativa, é fundamental estar presente na construção do projeto pedagógico e na elaboração das atividades que contribuem para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem da criança. Dessa forma, a dimensão afetiva é inerente à função primordial das creches e pré-escolas, cuidar e educar (CACHEFFO; GARMS, 2015, p. 25).

Bezerra (2006) defende que a escola necessita preservar as emoções e as vontades individuais de cada criança, estimulando e oferecendo atividades que a faça progredir racionalmente. Porém também é necessário que a escola reflita e esteja preparada para a evolução de indivíduos possivelmente mais aptos, inteiramente formados, nos quais sentimentos, mente e corpo fazem parte de um mesmo organismo indissociável.

1.3 ENSINO HÍBRIDO E A IMPORTÂNCIA DE UMA FORMAÇÃO DOCENTE QUALIFICADA

Devido à pandemia da Covid-19, as aulas da Educação Básica, etapa educacional que inclui a Educação Infantil, passaram a ser no formato *on-line* e posteriormente, híbrido. O Ensino Híbrido possui diferentes definições na literatura, mas todas as fontes, em geral, apresentam ser uma junção e revezamento do modelo presencial de ensino, que vem sendo realizado desde o princípio da educação, e do modelo remoto (*on-line*), no qual os meios tecnológicos são utilizados para promover a aprendizagem. “O termo Ensino Híbrido está enraizado em uma ideia de que não existe uma forma única de aprender e que a aprendizagem é um processo contínuo” (BACICH, 2016).

Para que este formato de ensino obtenha sucesso, se fazem necessárias estratégias de ensino para manter este processo contínuo de aprendizagem, e uma estratégia importante é o uso das Metodologias Ativas. Esta proposta pedagógica é uma visão inovadora, na qual o professor utiliza de desafios, projetos, jogos e pesquisas, individuais ou em grupo, possibilitam aulas dinâmicas, que fugisse do convencional. Neste modelo, diferentemente do que muitos pensam, o trabalho do docente é fundamental para que os alunos sejam capazes de construir seu conhecimento.

[...] ao trabalhar com as Metodologias Ativas o professor é de extrema relevância na construção do conhecimento, visto que devido a disseminação das tecnologias digitais e o acesso instantâneo a diversas informações é o docente que irá orientar os seus alunos para que as informações adquiridas se tornem conhecimento e será o intermediador para integrar a questão do ensino-aprendizagem presencial com o virtual colaborando com a autonomia dos alunos. (VALENTE, 2018 *apud* MORAIS; SOUZA, 2020)

Estes modelos novos de ensino e aprendizagem trouxeram consigo novos desafios às práticas pedagógicas. Docentes que demonstravam ser mais adeptos às tecnologias analógicas e não muito familiarizados com as tecnologias digitais, tiveram que desenvolver suas habilidades. O papel do professor em sala de aula é de mediador do conhecimento e não um simples transmissor da informação. Quais são as melhores maneiras de ensinar um aluno a aprender? Como orientá-lo a criticar e refletir uma informação? Diante disso, foi preciso que os docentes buscassem por cursos, palestras e outras formas de se aprimorar no “novo” formato de ensino.

Essa busca pelo conhecimento recorrente não pode parar a partir do momento em que o profissional adquire o diploma da graduação. A docência é uma profissão de enorme responsabilidade, pois está diretamente relacionada à formação do discente. Morais e Souza (2020) ressaltam que a formação continuada dos docentes necessita ser

bem consolidada e constante, considerando que sua função como educador acarreta a dimensão social do aluno, por meio do ensino que realiza e não somente a dimensão educacional, diferentemente do que muitos pensam. Cabe, portanto, ao professor o desejo pela busca à formação continuada e compreender sua importância.

Lima (2020) cita sobre a afetividade na ação pedagógica desse método de ensino, sendo a afetividade essencial e enriquecedora, pois a ligação afetiva faz com que os educandos fiquem mais seguros, desenvolvendo uma autoimagem positiva. Com isso criando um ambiente favorável, com interações mais fortalecidas entre todos, facilitando assim a aprendizagem, a produtividade e as relações interpessoais. Ressaltando o papel do professor motivador, assim mantendo a comunicação com essa criança, para que não se sinta sozinho nesse processo de aprendizagem.

1.4 REFLEXOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Logo no início da aplicação dos protocolos de segurança referentes à pandemia, a escola passou por mudanças significativas, várias interações sofreram modificações, como a dos discentes entre si, e com os docentes. O contato que anteriormente era presencial, e baseado na afetividade positiva como forma de envolver as crianças em seu processo de aprendizagem, tornou-se mais distante em todos seus aspectos. O formato *on-line* utilizado para tornar possível a continuidade dos estudos, foi além dessa relação, chegou em implicações econômicas e sociais, afetou diretamente a saúde física e emocional dos envolvidos, que estão empenhados em não comprometer a autonomia e a relação principalmente de confiança existente nesses grupos (PRALON 2020).

As famílias por sua vez, têm passado por adaptações também, com pais em *home office*, e as crianças na modalidade *homeschooling* exigiu que esse grupo se reinventasse, os estudantes que antes eram assistidos bem de perto por seus professores, agora são guiados também por seus pais para estudar de forma mais autodidata utilizando recursos tecnológicos que lhes são oferecidos (GROSSI et al., 2020).

Nesse cenário, destacaram-se características importantes dos membros da comunidade escolar, sobre as crianças, é importante lembrar que além de estudantes, são filhos; e a escola vai além das barreiras das práticas intelectuais, ela é responsável pelo desenvolvimento social e emocional dos seus estudantes, atuando como mecanismo regulatório da saúde mental infanto-juvenil (REIS, 2007; FONSECA 2016). E o que antes se passava em universos diferentes, passou a acontecer de forma simultânea, exigindo mais do que nunca a sintonia entre escola e família.

Tanto a escola, quanto as famílias não haviam cogitado uma situação parecida com a necessidade de isolamento social, ainda mais pelo período que se estendeu, por isso surgiu uma série de dificuldades para as crianças, como o ambiente. As aulas remotas exigem muita atenção, o que de casa é um desafio ainda maior, já que esse lugar representa muito mais descontração, por isso os pais precisaram modificar seus ambientes e rotinas para se tornar possível proporcionar as devidas condições e transformações desses ambientes, como o silêncio, tranquilidade e boa iluminação (MENDES 2013).

Além dos pontos já citados anteriormente, toda a população passou por outros efeitos, esses aumentam o risco de impactos psicológicos negativos, que refletem diretamente nas crianças, como o medo do contágio, tédio, frustração, ausência de suprimentos, falta de informação e/ou excesso de exposição a notícias falsas e sensacionalistas, perda financeira e distanciamento de amigos e familiares (GROSSI et al., 2020).

Na vida das crianças, esses fatores iniciam uma série de consequências a longo prazo (até 9 anos após os fatos) que afetam todo o desenvolvimento infantil, como aumento de tempo em tela (computadores, celulares e tablets), horários de sono desregulados, dieta desequilibrada e falta de atividade física, lembrando também de outros problemas que as crianças já poderiam estar enfrentando anteriormente e que podem ser intensificados com o isolamento social como violência doméstica (GIARETTA et al., 2019; GABRIELLI et al., 2020). Isso acontece, pois as crianças fazem parte da parcela mais vulnerável emocionalmente, apresentando com mais facilidade problemas como, ansiedade, estresse, depressão e até dificuldade para dormir (YEASMIN et al., 2020).

Essas vulnerabilidades foram ressaltadas quando surgiu a necessidade do afastamento dos alunos de suas rotinas escolares, pois não afetou apenas os estudantes, mas também os demais profissionais da educação, que podem representar maior facilidade ou dificuldade no processo, já que o nível de empatia, interação e suporte afetam diretamente a forma com que esses alunos irão reagir ao ensino remoto (MENEZES; FRANCISCO 2020).

Essas respostas afetivas de solidão, se tornam difíceis de serem contornadas frente à necessidade do isolamento, e se tornam mais evidentes através das crianças, pois essas são extremamente sensíveis às emoções dos adultos à sua volta, já que eles representam sua fonte de segurança e prazer emocional. No estudo de Yeasmin et al. (2020), foram encontrados achados que apontam maiores índices de depressão nas crianças cujos pais precisaram manter a rotina de trabalho fora de casa para que não perdessem seus empregos, desenvolveram maiores níveis de depressão, estresse e distúrbios de sono.

Através do estudo de Santo e Mendonça (2021) é possível entender que o processo de aprendizagem não ocorre sem a experiência de socialização, sendo parte do seu desenvolvimento. Sendo evidente que todo ser é acima de tudo social e nos estabelecemos a partir de relações com os demais, especialmente pela circunstância de vulnerabilidade em que se nasce.

Assim a realidade da pandemia possivelmente correspondeu a uma intenção mudança no dia a dia de muitos, principalmente na educação, onde as crianças sentiram a mudança da rotina e na construção das novas emoções vivenciadas neste momento.

1.5 RESSIGNIFICANDO O EDUCAR E CUIDAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil também sofreu com o distanciamento social devido à pandemia, se tratando da primeira etapa da Educação Básica, é a etapa que visa o desenvolvimento integral da criança. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2018), o “educar e cuidar” são os termos que utiliza-se hoje sobre a finalidade da Educação Infantil. O cuidar remete à segurança, ao físico e o aspecto afetivo, ao proteger e cuidar do bem-estar. Os dois termos são considerados indissociáveis e devem ser trabalhados intencionalmente.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu Artigo 9º, estabelecem “interações” e a “brincadeira” como os eixos estruturantes das práticas pedagógicas nesta etapa da Educação Básica. Estas experiências possibilitam às crianças um processo de construção e apropriação do conhecimento. Com a pandemia da Covid-19, estes eixos limitaram-se ao remoto, impossibilitando seu cumprimento efetivo às crianças, trazendo a necessidade de uma resignificação e adaptação do mesmo.

Araújo (2020) fala sobre o compromisso da escola, a concepção de criança e sobre o repensar da Educação Infantil, ainda no que se refere ao cuidar e educar, como não devem ser ignorados durante o ensino remoto, sendo necessário resignificar esse sentido do cuidar, tendo em vista que o ambiente da Educação Infantil vai além do cuidar enquanto os pais trabalham, ou que é somente para a classe pobre.

Modificar essa concepção de educação assistencialista significa atentar para várias questões que vão muito além dos aspectos legais. Envolve, principalmente, assumir as especificidades da educação infantil e rever concepções sobre a infância, as relações entre classes sociais, as responsabilidades da sociedade e o papel do Estado diante das crianças pequenas. (BRASIL, 1998, v. 1, p. 17)

A Educação Infantil é também para capacitar a formação e desenvolvimento da criança assim “[...] promover a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais da criança, considerando que esta é um ser completo e indivisível, [...]” (BRASIL, 1998, v. 1, p. 17/18)

Araújo (2020) cita sobre a expectativa de que não haja um retrocesso na concepção de cuidar após a pandemia do coronavírus, e como é importante que as ações de retorno presenciais depois do distanciamento social sejam unidas aos conceitos de cuidar tanto quanto a ação de educar e brincar, “[...] ambos fazem parte do processo formativo da criança, e apresentam características distintas e se completam de forma indissociável”.

As adaptações na educação foram necessárias às escolas, que ainda que de forma lenta, procuram se adaptar às mudanças (OLIVEIRA; ARAÚJO NETO; OLIVEIRA, 2020). Diversos desafios se apontam no ensino remoto e síncrono na Educação Infantil, mesmo com eles, é necessário seguir com a aprendizagem e desenvolvimento de qualidade para todos, buscando novos direcionamentos e visões para esse trabalho.

1.6 A INFLUÊNCIA DO TEMPO DE PERMANÊNCIA EM FRENTE ÀS TELAS

A cada ano as crianças estão mais próximas à tecnologia e às possibilidades que elas podem proporcionar, já que essa tecnologia é oferecida pelos próprios pais desde muito pequenos. Com a inserção das tecnologias, as crianças enxergam um mundo maior de possibilidades de ensino e aprendizagem.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 2001, p. 211), as crianças têm facilidade em aprender de diversas maneiras diante das situações e desde pequenas formam seus conhecimentos a partir de suas experiências.

Com relação ao uso da tecnologia para o ensino e ao tempo de utilização de recursos tecnológicos por crianças, Brito (2018) aponta sobre o cuidado dos pais ao cuidar do tempo em frente ao computador para crianças até 6 anos de idade, ele destaca que o uso de ambos é importante, desde que haja regras e afeto conjuntamente. Afirma:

É necessário um equilíbrio nesta utilização que é praticamente diária. As competências cognitivas e funcionais até os 6 anos ainda estão em fase de desenvolvimento, e por isso os pais desempenham aqui um papel crucial na promoção do uso seguro e apropriado das tecnologias. (BRITO, 2018, p. 40)

Para Kim (2020), oferecer momentos de satisfação às crianças, seja em frente a tela como também presencial, possibilita uma formação mais completa, atribuindo a formação o desenvolvimento das relações interpessoais, desenvolvendo na realização

de atividades além de aprenderem a escutar e aprender. As atividades lúdicas foram classificadas de extrema importância nas aulas remotas, levando ânimo e disposição por parte dos educandos.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa elaborada e aplicada a professoras da Educação Infantil da rede privada de ensino foi acerca das práticas realizadas em momento de isolamento social, devido à pandemia do coronavírus. As docentes foram questionadas sobre a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem, considerando o ensino remoto. A presente pesquisa, segundo sua finalidade, de pesquisa aplicada, pois visa solucionar um problema identificado na sociedade atual. Trata-se de uma pesquisa exploratória, de campo e descritiva, a fim de tornar o objeto de pesquisa e o problema encontrado pelas autoras, familiarizado aos leitores. Segundo a natureza de dados, será qualitativa (GIL, 2018).

3 RESULTADO DA COLETA DE DADOS

O objetivo principal deste formulário de pesquisa foi entender como ocorreu o processo de aprendizagem na Educação Infantil durante a pandemia. Foram coletadas respostas de 11 professoras que atuaram na Educação Infantil, durante o ensino remoto, que teve início em março de 2020 até julho de 2021, em escolas privadas de Curitiba.

Para dar início à pesquisa, foi perguntado quanto cada docente considerou possível desenvolver a afetividade durante o período de ensino remoto na Educação Infantil. Das professoras que responderam, 72,7% considerou que a afetividade foi desenvolvida parcialmente, 18,2% declarou ter desenvolvido muito, e 9,1% quase nada.

De acordo com Menezes; Francisco (2020), a repentina ausência das instituições de ensino da rotina dos estudantes e professores afetaram as relações sociais que eram essenciais para o processo de ensino aprendizagem. Entende-se que, as dificuldades existentes para o desenvolvimento da afetividade têm relação direta com alguns fatores, como o auxílio que pode ser ofertado pelo professor de acordo as possibilidades dele e da criança, o nível de empatia e interação para que seja viável entender o universo de cada indivíduo, que anteriormente se convergiam no momento da escola, mas a cada dia apresentam maior distância entre um e outro, e até o nível de irritabilidade do professor e/ou criança devido à carga psicológica que a pandemia, em especial durante o ensino remoto, colocou sobre seus ombros.

Na questão número dois, foi questionado sobre como as profissionais da educação consideravam que foi o desenvolvimento afetivo das crianças durante a pandemia. 81,8% das candidatas consideraram que conseguiram desenvolver a afetividade, mas não de forma satisfatória. E 18,2% consideraram que a comunicação remota com os alunos foi suficiente para criar laços afetivos. Alencastro (2009, p. 17) complementa que a escola é o lugar onde o aluno irá refletir sobre sua vida e desenvolvimento, levando em consideração que a afetividade se torna o centro para a construção dos valores individuais. Portanto, mesmo com aulas *on-line*, conforme a percepção das participantes do estudo, elas conseguiram desenvolver em seus alunos a afetividade. Por isso, as formas de afetividade durante a pandemia, aconteceram por meio dos vídeos e aulas *on-line*, onde as professoras se adequaram e fizeram o máximo para formar um ambiente acolhedor, planejando atividades que fossem atrativas aos alunos.

Na terceira questão, onde o objetivo era compreender se as docentes consideravam a afetividade um ponto importante na Educação Infantil e todas responderam que sim, pois a afetividade faz parte do processo do desenvolvimento e aprendizagem da criança. Bezerra (2006), estudando Wallon, observou que a afetividade além de ser uma característica que faz parte do desenvolvimento humano, também notou que para Wallon, é importante que a escola conceda uma formação integral do indivíduo, ou seja, intelectual, social e afetiva, trazendo para o ambiente as emoções, sentimentos e sensações das crianças.

As professoras que participaram da pesquisa, 10 (equivalente a 90,9%) responderam que perceberam mudanças no desempenho da criança durante a realização das atividades durante as aulas remotas. Uma pessoa (9,1% dos entrevistados) respondeu que observou mudanças significativas somente na relação professor-aluno e não nas atividades. As respostas positivas a respeito de um atraso no desempenho infantil são reflexo da privação de uma interação social mais alargada, não tendo acesso a estímulos que possibilitam a ampliação da visão de mundo e desenvolvimento psíquico (VICENTINI et al., 2021).

Na questão cinco, foi perguntado quais metodologias foram utilizadas para desenvolver a socialização das crianças com os colegas e a professora durante as aulas remotas. 27,3% das participantes estabeleceram momentos de interação para conversar sobre interesses e mostrar os brinquedos. Para 18,2% das participantes, realizar jogos em grupos que envolvessem os colegas e a família trouxe resultados mais significativos, e para 9,1% das professoras, assistir e disponibilizar vídeos relacionados aos temas interessantes à turma, contribuiu para uma melhor socialização. Neste contexto, 45,5% das profissionais acreditam que todas as alternativas podem ser consideradas metodologias que desenvolvem a socialização e estabelecem uma perspectiva adaptada

a essa nova dinâmica social, praticada durante a pandemia. Segundo Mahoney e Almeida (2005), quando o professor passa a considerar os aspectos relativos à afetividade: emoção, sentimento e paixão, a criança constrói vínculos, fazendo com que este sintase integrado e pleno para seu desenvolvimento social.

A sexta questão obteve resultado unânime em relação à demonstração constante de necessidade de afeto das crianças para com a docente, por meio de diálogos e buscando sua atenção. Lima (2020) fala sobre o professor ser mediador da aprendizagem e motivador, estimulando a criatividade, pensamento crítico e imaginação, isso para que a criança sinta à vontade de aprender. A autora explica em sua obra que se faz necessária a criação do vínculo entre professora e estudante para que essa não se sintasó, tendo o ensino remoto uma característica de solitário. Para o docente é essencial incentivar e consolidar essa relação, mesmo se encontrando distante, mostrando-se sempre disposto a prestar a ajuda necessária. É fundamental também, que o ambiente virtual de aprendizagem seja transformado em um espaço motivador, para que seja possível manter uma relação afetiva com a criança.

Por fim, na última questão, todas as docentes responderam que a socialização é essencial para o desenvolvimento da criança na escola e em outros âmbitos. Concordaram também, que a ausência da socialização pode trazer consequências permanentes às crianças. Santos e Mendonça (2021) explicam como sem a socialização não há o desenvolvimento da aprendizagem e conseqüentemente a falha na formação do indivíduo. Sendo indiscutível o fato de sermos indivíduos sobretudo sociais, nos organizamos a partir da relação com o outro. As autoras destacam como as relações afetivas e emocionais são imprescindíveis ao progresso do sujeito e acontecem nas mais distintas maneiras de vínculos humanos, consistindo a afetividade como influência na estruturação de experiências do saber, acima de tudo no processo do desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado teve por objetivo compreender como o processo de aprendizagem no contexto de Educação Infantil e as práticas pedagógicas realizadas durante o período de pandemia podem influenciar a vivência das crianças da faixa etária de 0 a 5 anos.

Notou-se durante o período de isolamento social, a necessidade de professor se consolidar como mediador do ensino, diante das novas modalidades. Estimular também as crianças, ensiná-los boas práticas em frente às telas e novas formas para interagir, mantendo o vínculo entre escola e estudantes.

Devido ao novo formato de ensino, deu-se a necessidade de os professores aprimorarem seus conhecimentos e desenvolver novas habilidades, buscando assim, uma formação docente qualificada, que suprisse a nova demanda educacional.

Por meio da pesquisa realizada, foi possível identificar os reflexos que a pandemia causou no processo de desenvolvimento e aprendizagem infantil, levando em consideração o ponto de vista das professoras participantes, os quais a maioria apontou mudanças no desempenho das crianças durante a realização das atividades, em momentos de interação entre as crianças e professora. Constatou-se a necessidade de afeto da criança com o docente e em como é essencial a socialização em diferentes ambientes para seu desenvolvimento.

Conclui-se que houve mudanças significativas no desenvolvimento da criança da Educação Infantil e a necessidade da relação afetiva com a professora, constatando-se no período pós isolamento social, uma maior dependência por parte das crianças. Sendo assim, além de cuidar e educar da criança, cabe ao professor atentar-se a sua totalidade.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, C. E. de. **As relações de afetividade na educação infantil**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://peadalvorada09.pbworks.com/f/afetividade.pdf>. Acesso em: 2 out. 2021.

ALMEIDA, A. R. S. A afetividade no desenvolvimento da criança: contribuições de Henri Wallon. **Inter-Ação**: Revista da Faculdade de Educação da UFG, Santana, v. 33, n. 2, p. 343-357, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/5271>. Acesso em: 10 nov. 2020.

ARAÚJO, L. C. M. Resignificando a concepção de cuidar, educar e brincar na educação infantil em tempos de pandemia. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 7., 2020, Maceió. **Anais: Educação como (Re)Existência: Mudanças, Conscientização e Conhecimentos**. Maceió: CONEDU, 2020. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA9_ID3260_17082020101238.pdf. Acesso em: 6 maio 2021.

BACICH, L. Ensino híbrido: relato de formação e prática docente para a personalização e o uso integrado das tecnologias digitais na educação. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO, 7., 2016, Aracaju. **Anais Eletrônicos...** Aracaju: Simeduc, 2016. p. 4. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/simeduc/article/view/3323/0>. Acesso em: 7 maio 2021.

BEZERRA, R. J. de L. Afetividade como condição para a aprendizagem: Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção. **Didática Sistemica**, Rio Grande, v. 4, n. 5, p. 89-121, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/1219/515>. Acesso em: 2 out. 2021.

BONFIM, V. A. **Afetividade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução n. 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 dez. 2009, Seção 1, p. 18. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 28 out. 2021.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 4 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>. Acesso em: 27 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC, 1998. v. 1. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 6 maio 2021.

BRITO, R. Estilos de mediação do uso de tecnologias digitais por crianças até aos 6 anos. **Invest. Práticas**, Lisboa, v. 8, n. 2, p. 21-46, set. 2018.

CAETANO, L. de A. **A importância da afetividade docente para o desenvolvimento cognitivo de educandos das séries iniciais do ensino fundamental**. 2013. 123f. Pós-Graduação (Especialização em Educação) – UTFPR, Universidade Tecnologia Federal do Paraná, Medianeira, 2013. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4323/1/MD_EDUMTE_2014_2_49.pdf. Acesso em: 11 nov. 2020.

CACHEFFO, V. A. F. F.; GARMS, G. M. Z. Afetividade nas práticas educativas da educação Infantil. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 26, n. esp. 1, p. 17-33, jan. 2015. Disponível em: Acesso em: 5 maio 2021.

FERREIRA, S. da C.; SILVA, J. H. da. **Professor: sua formação e sua função como mediador diante das novas tecnologias no processo ensino-aprendizagem**. 2018. 09f. Artigo Científico (Curso de Licenciatura em Pedagogia) – Uninive, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v6-2016/ARTIGO-JESSICA.pdf>. Acesso em: 1 maio 2021.

FONSECA, V. da. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. **Psicopedagogia**, São Paulo, v. 33, n. 102, p. 365-384, set. 2016.

GABRIELLI, J.; LUND, E. Acute-on-chronic stress in the time of COVID-19: assessment considerations for vulnerable youth populations. **Pediatric Research**, Nova Iorque, v. 88, n. 6, p. 829-831, jun. 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41390-020-1039-7>. Acesso em: 13 maio 2021.

GAZARO, D. C. dos S. **O papel da afetividade na educação infantil**. 2018. 18f Trabalho de Curso (Especialização em Educação) – Instituto Federal Catarinense, Alberto Luiz, 2018. Disponível em: <http://abelardoluz.ifc.edu.br/wp-content/uploads/2019/02/TC-Daniela.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2020.

GIARETTA, G. G. et al. Evaluation of the benefits and risks of the vegetarian diet: update on the topic versus common sense in times of post-truths. In: SILVA NETO, B. R. da (Org.). **Prevenção e Promoção de Saúde 7**. São Paulo: Atena, 2019. p. 61-71. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-ebook/2831>. Acesso em: 18 set. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Grupo GEN, 2017. 9788597012934. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597012934/>. Acesso em: 16 maio 2021.

GROSSI, M. G. R.; MINODA, D. de S.; FONSECA, R. G. P. Impacto da pandemia do covid-19 na educação: reflexos na vida das famílias. **Portal de Periódicos**, Maringá, v. 4, n. 6, p. 78-110, jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/53672/751375151438>. Acesso em: 13 maio 2021.

KIM, J. Aprendendo e ensinando online durante a covid-19: Experiências de alunos professores em uma prática de educação infantil. **International Journal of Early Childhood**, v. 4, n. 52, p. 145-158, 2020.

KRUEGER, M. F. **A relevância da afetividade na educação infantil**. 2003. 10f. Trabalho de Curso (Pós-Graduação em Psicopedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto Catarinense de Pós-Graduação, Joinville, 2003. Disponível em: http://nuted.ufrgs.br/oa/pi/html/afetiv_edinf.pdf. Acesso em: 4 out. 2020.

- LEITE, S. A. da S.; TASSONI, E. C. M. **A afetividade em sala de aula**: as condições de ensino e a mediação do professor. 24 f. Unicamp, Campinas, s.d. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021
- LIMA, M. R. L. de. **A relação afetiva entre professor e aluno**: a concepção de professores antes e durante a pandemia de covid 19. 2020. 121f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, Lucena, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/17889/1/MRLL12082020.pdf>. Acesso em: 2 out. 2021.
- MENEZES, S. K. de O.; FRANCISCO, D. J. Educação em tempos de pandemia: aspectos afetivos e sociais no processo de ensino e aprendizagem. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, São Paulo, v. 28, n. 0, p. 985-1012, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://www.br-ie.org/pub/index.php/rbie/article/view/v28p985>. Acesso em: 27 set. 2021.
- MORAIS, A. P. M. de; SOUZA, P. F. Formação docente continuada: ensino híbrido e sala de aula invertida como recurso metodológico para o aprimoramento do profissional de educação. **Devir Educação**, Lavras, Ed. Esp., p. 10-32, ago. 2020. Disponível em: <http://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/235>. Acesso em: 7 maio 2021.
- MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 20, 1º sem., p. 11-30, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-69752005000100002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 21 out. 2021.
- MENDES, F. R. **Meu filho não quer estudar**. Porto Alegre: Autonomia, 2013.
- OLIVEIRA, A. S. S. e; ARAÚJO NETO, A. B.; OLIVEIRA, L. M. S. Processo ensino aprendizagem na educação infantil em tempos de pandemia e isolamento. **Revista Científica Multidisciplinar das Faculdades ISEIB**, Belo Horizonte, v. 1, n. 6, p. 123-180, nov. 2020. Disponível em: <http://cienciacontemporanea.com.br/index.php/revista/article/view/32>. Acesso em: 29 out. 2021.
- PRALON, E. A pandemia com reflexo no clima das instituições educacionais: instabilidade e o acentuado índice de incivildades nas relações. **Cadernos de Educação**, São Paulo, v. 19, n. 38, p. 5-17, maio 2020. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/cadernosdeeducacao/article/view/10535/7285>. Acesso em: 17 maio 2021.
- REIS, R. P. Relação família e escola: uma parceria que dá certo. **Mundo Jovem**: um Jornal de Ideias, Porto Alegre, v. 45, n. 373, p. 6, set. 2007.
- SALTINI, C. J. P. **Afetividade & inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 1997.
- SILVA, E. G. da. A afetividade na prática pedagógica e na formação docente. **Brasil Escola**, Crato, 2015. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-afetividade-na-pratica-pedagogica-na-formacao-docente.htm>. Acesso em: 2 nov. 2020.
- SANTOS, G.; MENDONÇA, M. Pandemia e o ensino remoto: uma reflexão acerca da vivência afetivo-emocional dos estudantes. **Educação e Humanidades**, São Paulo, v. 2, n. 1, p.110-131, jan./jun. 2021. VICENTINI, D. et al. Educação Infantil e desenvolvimento humano no contexto da pandemia: reflexões a partir da teoria histórico-cultural. **Caderno Cajuina**, São Paulo, v. 4, n. 6, p. 67-89, set. 2021. Disponível em: <https://cadernoscajuina.pro.br/revistas/index.php/cadcajuina/article/view/533/515>. Acesso em: 2 out 2021.

VYGOTSKY, Lev S. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

YEASMIN, S. et al. Impact of covid-19 pandemic on the mental health of children in Bangladesh: A cross-sectional study. **Children and Youth Services Review**, Nova Iorque, v. 117, n.3, p. 105277, out. 2020.